

Handwritten notes:
UNIPPA
ad. ant.
Folclore
comparação

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE

16 - 22 de agosto de 1954.

SÃO PAULO - BRASIL.

II - 19 (Port.)

O ESTUDO DO FOLCLORE NO ENSINO PEDAGÓGICO

por

Alexandra Hortopan (Rumania)

O folclore, sendo a manifestação mais pura da alma de um povo, será também o seu espelho mais perfeito. Quem conhece os mitos, as lendas, a música, a dança e as artes plásticas criadas por um povo através dos tempos, conhecerá esse povo, as suas aspirações e os seus problemas.

O estudo do folclore já não é mais passa-tempo agradável de pequeno grupo de conhecedores. Trata-se, hoje em dia, de uma ciência definida, aparentada à geografia humana e à história, dos quais é auxiliar preciosa. O folclore ainda contém o tesouro das tradições de um povo, o que constitui o seu verdadeiro sangue espiritual, ajudando-lhe a viver, como povo, nas horas mais difíceis da sua história, ensinando-lhe a amar o seu passado e a lutar pelos seus direitos, respeitando os direitos dos outros povos.

O estudo do folclore e do folclore comparado não somente ajuda muito a solução dos problemas históricos, como também constitui um elo de compreensão e afeto entre os povos, ajudando-os a se compreenderem e estimarem mutuamente, cooperando assim para a harmonia universal, longe de toda tendência de internacionalismo imposto, contrário à natureza humana.

O estudo do folclore deveria ser, por conseguinte, obrigatório não digo no ensino em geral, mas, pelo menos, no ensino pedagógico, destinado a formar professores e educadores de todo nível, para que estes possuam essa ciência de maneira aprofundada e metódica, podendo assim, comunicar aos seus alunos suas noções elementares e os princípios, mesmo que indiretamente, seja no ensino das matérias ligadas ao folclore, seja pela influência pessoal.

Proponho, por conseguinte, que sejam encaminhados pedidos nesse sentido às autoridades competentes dos países respectivos.

398

APRESENTADO
por
Antonio Carlos
Folclore
reunidos em um grupo de jovens
DUPP

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE

Agosto, 16 - 22, 1954

São Paulo, Brasil

II - 23 (Portug.)

Males de crescimento da Ciência do Folclore

por Robert Steele Boggs

(Florida, USA)

A ciência do folclore é de tal forma jovem que ainda se vê a braços com males de crescimento. À medida que a ciência for progredindo, tornando-se mais forte e mais madura, esses males irão desaparecendo. Nesse meio tempo, os folcloristas devem reconhecer esses males e tentar curá-los o mais breve possível. O período de adolescência poderá ser encurtado pelos esforços daqueles que cultivam este setor. Seja-nos permitido discutir brevemente seis desses males, que poderemos designar, de um modo geral, pelos nomes pseudocientíficos seguintes: (1) terminologite; (2) educaciocracia; (3) metosito; (4) primitivobria; (5) Textalucomação e (classifimania).

(1) Terminologite é a moléstia da fabricação descontrolada de terminologia, fora e acima das verdadeiras necessidades da ciência. Algumas pessoas simplesmente apreciam a sensação de inventar novos termos. Outros provavelmente acreditam, com toda a sinceridade, que estão prestando real serviço. Poderá mesmo existir alguns que, como nas demais ciências, confundem uma fachada ornamentada de terminologia com a verdadeira erudição. Surge um jato contínuo de termos: - folclorologia, folologia, folclorogista, folclorismo, folclossofia, folclografia, etc. para não mencionar a demologia, demosofia, demóticos, e todo o restate de palavras finalmente compostas do Grego demos. Consideremos especificamente somente um desses termos, o primeiro, Folclorologia, o qual já obteve o apoio de um certo número de pessoas. Dizem, de um modo geral, que folclore é um termo que designa os materiais desse setor, e julgam que deveria haver um termo para designar a ciência que estuda esses materiais, para o qual eles propõem folclorologia. O raciocínio é lógico, porém os idiomas são consagrados pelo uso e não por decretos, e na maior parte das vezes não são lógicos. Uma das ciências mais antigas - a medicina - vem utilizando há séculos a expressão medicina (em inglês) para designar certas substâncias materiais empregadas em tratamentos, bem como a própria ciência que estuda esses materiais. A confusão resultante do emprego da palavra medicina (medicine) não foi suficiente para levar os médicos a estabelecer o uso do termo medicinologia para a sua ciência. Tomamos remédio (medicine) e estudamos medicina. Da mesma forma, o termo folclore pode designar materiais, e também a ciência que os estuda. É muito duvidoso que o termo folclogologia seja algum dia consagrado pelo uso popular. Provavelmente, ele desaparecerá juntamente com a terminologite.

(2) Educaciocracia é a moléstia daquilo que, de motu próprio e espontaneamente se apresenta a si próprio como um folclorista culto, em virtude, simplesmente, do seu desejo de assim agir, e de seus interesses e projeções no folclore, sem o benefício de nenhum estudo extenso ou especializado, ou preparo na ciência do folclore. É o desejo de ser mestre sem ter sido aluno, e a ciência do folclore, em sua infância, ainda não é resistente bastante para impôr uma verificação adequada aos educatocratas. Ninguém, em particular, pode ser acusado por uma tal situação. A ciência do folclore não é ensinada em escolas secundárias e mesmo nas universidades poucos cursos existem. Cursos para professores de folclore são muito raros. Bons livros didáticos sobre a ciência do folclore em geral são difíceis de serem encontrados. É difícil a um

um estudioso obtêr uma educação sólida na ciência do folclore. Se ôle as-
sumir uma atitude de verdadeira humildade estudantil, fôr reunindo, a
pouco e pouco, o que fôr lendo sobre o assunto em vários idiomas, e apli-
car o que fôr aprendendo, por estudo sistemático e cauteloso, em análise
laboriosa, através um período longo, com muita habilidade, ôle poderá se
transformar em um conhecedor capaz do folclore. Poucos, porém, assim fa-
zom. Aquêles que se tornam interessados no folclore, o mais das vêzes,
após um pouco de leitura, começam a colecionar materiais, adicionam al-
gumas notas comparativas, raciocinam mais na base da imaginação do que da
experiência, e publicam obras prematuramente. Uma vêz iniciados na publi-
cação de obras, êles adquirem a sensação de que positivamente a suposi-
ção de serem doutores em folclore, e a educaciocracia se acha estabelecida.

(3) Metodosite é a moléstia dos estudos de folclore que fa-
lham à metodologia da ciência do folclore. Muitos dêsses monstros mal
acabados nascem cada ano. Aparecem como trabalhos, impressos, como qual-
quer monografia dos entendedores, com a exceção de que, após mais detido
exame, verifica-se que não existe estrutura óssea da metodologia folclóri-
ca. Poderão ser simplesmente descrições de fenômenos folclóricos, como
vistas pelo autor, com alguma comparação ou observação ocasional. Ou, en-
tão, apresentarão alguns sinais de método - não o da ciência de folclore
mas o de alguma outra, na qual o atôr tem conhecimentos, tal como a críti-
ca literária, a antropologia, a sociologia ou a psicologia. Um tal traba-
lho, entretanto, é como o passaro de plumagem emprestada. As metodologias
outras ciências adaptam-se aos materiais e finalidades dessas ciências e,
por isso mesmo, adaptam-se mal aos materiais e finalidades da ciência do
folclore. A mesma moléstia da metodosite aflige não somente publicações
de folclore, como, também, os cursos de folclore em universidades. Pod-
rão surgir cursos em folclore mexicano, argentino ou brasileiro, como se
as leis e princípios da ciência do folclore fôsse diversa nas diferen-
tes regiões. Seria o mesmo se vissemos aparecer cursos em química me-
xicana, química argentina ou matemática brasileira. Tais cursos deveriam
ser meras descrições dos materiais encontrados nas diversas regiões. A
metodologia de uma ciência é a mesma, independente da região estudada.
Devemos reconhecer e desenvolver a metodologia da ciência do folclore em
si, e eliminar a praga da metodosite e os monstros que ela produz.

(4) Primitivofobia é a moléstia que tenta dividir o folclore
do mundo em duas classes: - o dos chamados "povos civilizados" e o dos
chamados "povos primitivos", e tenta fixar a atenção no folclore dos pri-
meiros, enquanto se mostra aversão pelo dos últimos, os quais permanecem
exilados de toda a consideração de parte dos folcloristas atacados de
primitivofobia, recolhidos atrás de uma barreira ou muralha arbitrária-
mente construída. Os graus de civilização são tão vários, e tão subjeti-
vos são critérios determinantes do que significa a civilização, que
nos perguntamos em que ponto deveria ser levantada essa muralha, para o
ser com exatidão científica. Talvez ela exclua algumas tribos africanas,
índios americanos e ilhéos do Pacífico. Desta forma, quando os folcloris-
tas fôsem estudar o mito do Dilúvio, por exemplo, o qual é amplamente
conhecido em todo o mundo desde antiga Babilônia e Israel através povos
chamados de "primitivos", bem como os "civilizados" de hoje, talvez ôles
devessem, arbitrariamente, excluir desses estudos as versões primitivas
e se limitarem às versões "civilizadas". Essa limitação se opõe direta-
mente aos princípios da ciência do folclore, a qual estuda os seus ele-
mentos onde quer que sôja que os encontre, em todos os povos e todos
os tempos, para obtêr uma imagem o mais compreensiva possível para ca-
da mito ou costume ou crença através a cultura mundial. Os que sofrem
de primitivofobia estabelecem as suas barreiras na base de um conceito
de diferentes espécies de grupos sociais. Um tal conceito pode ser de
importância capital em outras ciências, porém na do folclore são os ele-
mentos do folcloré que são de importância máxima, sem embargo de onde
sejam encontrados. Se o grupo social, ao invêz do folclore, é que é de
importância básica, então estaremos lidando com outra ciência. Uma ciên-
cia que estude os homens em grupos talvez estôja, também, interessada em

em seu folclore. O folclore também se interessa no estudo do homem e dos grupos de homens. O que distingue uma ciência da outra é o que cada uma considera como de importância básica pois, em face disso, seus pontos de vista e perspectivas sobre os outros assuntos serão estabelecidos. Ainda que ciências diversas estudem assuntos comuns, cada uma o observará sob um prisma diverso, com diferentes finalidades e, em vista disso, por métodos diversos, uma vez que o interesse primordial de uma é diverso do da outra. Primitivofobia resulta da tentativa de se fazer conceito dos grupos humanos tornar-se de interesse capital em um campo em que esse aspecto é de importância secundária.

(5) Textalucinação é a moléstia de se considerar um texto incompleto, ~~incompleto e não original, mas uma reprodução de um texto folclórico~~, completo e válido. Existem várias modalidades desse tipo de alucinação. Em uma de suas múltiplas formas, encontramos os textos de folclore que são reproduzidos com fidelidade fotográfica, mas que peca por falta de dados que o autenticam. O texto em si parece bastante real; entretanto, aquela perspectiva tri-dimensional que teria se aqueles que o examinam também fôssem informados sobre fatos tais como: - se o autor original era uma anciã ou um menino, iletrado ou doutor em filosofia, e do valor do texto em sua vida, ou qual a natureza do grupo humano ao qual pertenceu. Outra forma dessa moléstia é encontrada no texto folclórico reproduzido com acuidade mais ou menos perfeita em ortografia convencional, de tal forma que parece ser o impresso original, mais do que uma transcrição da sua tradição verbal, falada com as sonoridades de certos tipos de folclore verbal, com as suas intonações e gestos característicos. Uma modalidade mais seria de textalucinação é a encontrada nos textos folclóricos que, embora seu texto tenha sido preservado, teve a sua linguística alterada e adaptada às normas da linguagem literária, burguesa de suas expressões dialéticas, seus chamados "erros" de gramática, e as suas frases "mal" construídas. Uma das modalidades mais vicinatas de textalucinação, na qual o texto apresenta muita pouca semelhança com o original, ocorre com os textos chamados folclóricos decorrentes de algo que o autor ouviu em tradição oral, guardou de memória e recreou em seu próprio estilo literário, modificando-o, tanto no conteúdo quanto na forma, re-contando a tradição em palavras suas e de conformidade com seus próprios gostos artísticos e estéticos, remodelando-o de acordo com as normas de sua própria literatura, com sua própria escolha de vocabulário e estilo, corrigindo as suas faltas e supostos erros de memória e lógica e, mesmo, às vezes, analisando as suas razões de ser, ampliando as suas descrições e adicionando, de várias formas, e enfatizando o original. Um tal texto se torna em produto de criação individual de um artista literário, e não é mais um texto folclórico original, capaz de servir para um estudo científico. Basear estudos científicos em textos assim recreados seria como se um botânico fôssem tentar o estudo consciencioso de uma planta que tivesse as suas folhas aparadas em determinada forma geométrica e pintadas com cores lindas combinando com a forma do conjunto. Aquêles que sofrem de textalucinação não podem produzir estudos folclóricos dignos de atenção.

(6) Classifimnia é a moléstia de entusiasmo excessivo em inventar sistemas para classificação dos elementos do folclore, usualmente acompanhado por uma aversão em seguir um sistema já inventado por outrem. Uma das grandes virtudes da classificação é a uniformidade. Se todos os elementos do folclore, em todos os países, em publicações e em arquivos, fôssem classificados de acordo com um sistema uniforme, uma tal classificação seria de valor inestimável. Os trabalhos com folclore seriam grandemente simplificados. O mais que houver de elementos classificados pelo mesmo sistema, o mais valioso o sistema se torna. Uma vez que a unidade é o objetivo da classificação, obviamente a classifimnia é uma tendência suicida, pois cada um deseja vêr o seu sistema adotado e, conseqüentemente, nenhum é aceito de modo geral. O inventor de uma classificação deveria submetê-la a experiências antes de oferecê-la a outrem, e provar as vantagens por meio da classificação, por óle, de uma quantidade considerável de elementos segundo o seu sistema. Isto serviria, também, para demonstrar a outros, por meios práticos, como utilizar

utilizar o sistema. Entretanto, classificações são inventadas e publicadas antes de que qualquer quantidade considerável de elementos tenha sido classificada pelo novo sistema, talvez mesmo antes de que sistema tenha sido experimentado na prática de forma alguma. Em geral não se gosta de experimentar um modelo novo de avião; o mesmo quanto a um novo tipo de classificação; sempre é preferido o que já foi amplamente experimentado. Talvez, algum dia, um congresso internacional chegará a um acordo quanto a um único tipo de classificação, de valor comprovado, o qual seja geralmente aceito, terminando, assim, com a praga da classificomania.

Muito do que foi aqui dito já o foi anteriormente e é bastante óbvio; mas é necessário repeti-lo, para que seja decorado e forme a base de um tratamento médico desses males do crescimento do folclore, até que tenham completamente desaparecido.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE

16 - 22 de agosto de 1954.

São Paulo - Brasil

II - 22 (Port)

Do Interêsse do Folclore na Educação

por

Geraldo Brandão
(São Paulo)

Folclore, que de início era apenas o estudo das tradições orais como mitos, lendas, cantos e contos, quadrinhas e superstições, passou depois ao estudo da cultura popular de ordem material, como utensílios, cerâmica, instrumentos musicais, indumentária, habitação, etc. tudo isto entretanto, fazendo parte de uma rede de relações humanas, tendo um significado no conjunto da cultura existente. O valor funcional das sobrevivências, parece-nos elemento importantíssimo na conceituação do folclore como objeto de estudos científicos.

Abrangendo a cultura popular material e não-material, tradicional, o folclore é hoje estudado como disciplina autônoma, enquadrada no campo da antropologia social. Esta ciência tem como objetivo estudar o homem em sociedade, partindo da cultura, resultado da atividade produtiva dos agrupamentos humanos.

A palavra cultura, graças aos antropólogos e sociólogos modernos, ganhou uma conceituação bem clara. Para Malinowski, compreende os artefatos herdados, bens, processos técnicos, ideais, hábitos e valores. A própria organização social só poderá ser compreendida como parte da cultura. A parte material, não tem nenhuma força em si mesma, pois na base de todas as produções materiais está o conhecimento em conexão com disciplinas morais e intelectuais, religião, leis, preceitos éticos, etc.. A manipulação e consumo de bens requer cooperação, tudo baseando-se em um tipo definido de organização social. A parte material é, entretanto, indispensável para anoldar e condicionar cada geração de seres humanos. Reuter, segue no mesmo plano, definindo a cultura como a soma total das criações do homem, resultado organizado da experiência grupal até os tempos presentes. Inclui tudo que o homem tem feito sob a forma de instrumentos, armas, abrigos e outros bens materiais e processos, tudo que ele elaborou como atitudes, crenças, idéias e juízos, códigos e instituições, artes e ciências, filosofia e organização social. Assim, tudo criado nos processos de vida coletiva, material ou não-material, está dentro do conceito de cultura.

Consistindo o processo educacional em conservar e enriquecer a cultura pela transmissão, consideramos que folclore, como os demais aspectos culturais, faz parte do conteúdo da educação.

Queremos, entretanto, ressaltar interêsses especiais que apresentam os estudos folclóricos.

INTERÊSSE CULTURAL - A aquisição de conhecimentos a respeito das cousas do povo, possibilitam um maior horizonte cultural, para melhor visão panorâmica social e histórica. Origem, migração, assimilação, sincretismo, localização dos dados folclóricos. Conhecimento científico. Como sobrevivências culturais são excelentes pontos de referência para a compreensão das sociedades passadas e dos homens que nelas viveram.

Segundo Hans Freyer, "ao penetrar no mundo histórico, o olhar se detém em primeiro lugar naquelas obras objetivas, nas quais solidificou-se alcançando existência duradoura, a vida histórica dos povos. Conservadas por um capricho da sorte, mantidas por uma tradição consciente, ou arrancadas do esquecimento graças à ciência, estas obras representam o caminho pelos quais o sentido histórico encontra acesso à compreensão do passado. Nelas, com efeito, objetivou-se o espírito dos homens que as criaram. Estas obras podem ser edifícios e monumentos artísticos, estilos residenciais e vias de comunicação, instrumentos, costumes e tradições, monumentos literários e normas jurídicas, cultos, sistemas científicos e pedagógicos, todas estas obras levam em si, total e fielmente, o espírito dos homens cujo mundo constituiram. Os homens que criaram estas obras e com elas viveram vinculados, desapareceram, mas a sua substância espiritual subsiste e se conserva nas variadas formas destas criações e com elas podemos fazer surgir o espírito da vida passada..."

Nisto reside a essência dos conhecimentos culturais. A sua compreensão dá-nos a chave para penetrar no espírito das associações humanas do passado, nas personalidades edificantes que nos mais variados setores lideraram os grupos e só desta maneira é possível a reconstituição fiel da realidade social.

O folclore é indispensável para o conhecimento dos povos, de sua mentalidade, sua vida social.

INTERESSE HUMANO - A compreensão entre os homens só poderá surgir, quando em virtude de contactos permanentes, eles se conhecerem. Admirarão reciprocamente as virtudes e tolerarão reciprocamente os defeitos.

É a simpatia humana que nasce. O folclore é um elo de simpatia entre os homens, de aproximação, pois mostra a identidade da alma humana nas suas variadas criações, nos seus gostos, predileções, nas suas crenças, nas suas recreações. A tolerância, um dos valores da nossa civilização, só produz efeitos benéficos nas relações humanas e onde ela está ausente, os conflitos levam ao isolamento. Nada há para ganhar a amizade de um homem do povo, que ouvir com atenção as suas canções ou as suas rezas. Nada o fará mais feliz que dar-lhe um "público", para aplaudir as suas notas. É natural o desejo de aprovação social e conforme a "reação do público", o artista do povo se entusiasma, se inspira, cria algo de novo, enriquece a sua cultura. É a gente simples e conservadora que reside os sentimentos mais puros, mais nobres - ali está a fonte de toda a inspiração. A tradição é algo enraizado na alma, é a própria atmosfera que se respira. Penetrar a tradição de um grupo, é penetrar no coração, atingindo as camadas mais profundas da sensibilidade, é fazer amigos. Valorizá-la, é o respeito à personalidade humana, princípio básico de todo humanismo.

INTERESSE CÍVICO - "Nada é nacional se não é popular", disse Garret. O espírito nacional está em função do tradicionalismo. Pátria é a terra dos pais, berço e túmulo dos antepassados. Sendo fonte suficientemente sugestiva, impõe o selo da respeitabilidade a tudo que vem deles, que viveu com eles, que foi transmitido por eles. Pode não ter ainda um sentido histórico, mas sendo transmitido pelos pais, torna-se "sagrado" e incorpora-se facilmente à cultura nacional.

Quando a vitalidade da pátria está em perigo, devido à assimilação intensiva de importações, o remédio é a volta ao passado. Movimento brusco à história nacional com seus feitos e seus heróis, sua literatura, os costumes, as lendas, as festas, as rezas do "nosso grupo". Nada melhor para ilustrar a força da tradição, que o movimento do povo alenão à sua mitologia, quando do Nacional Socialismo. Ressuscitou-se entusiasticamente o culto dos heróis germânicos. Wagner, que transpôs para a música a mitologia, foi feito "sagrado" e Baireuth tornou-se um santuário. As representações, eram cerimônias antes religiosas e políticas que artísticas ou sociais

É verdade que se voltar "para dentro", é às vezes necessário para reforçar o patriotismo, um povo não pode viver exclusivamente do passado. Provocaria um verdadeiro histerismo coletivo em torno dos valores indígenas, toldando a visão, prejudicando a cooperação internacional e o próprio progresso. Enterrar-se no passado é um sintoma de frustração, incapacidade de competir no presente; mas também um povo que abandona a sua cultura tradicional e valoriza exclusivamente a cultura de importação recente, perde a sua consistência, a sua personalidade e será facilmente conquistado. O equilíbrio entre inovação e tradição é sinal de maturidade de personalidade robusta, de progresso seguro.

INTERESSE EDUCACIONAL - Num sentido largo, a educação trata de integrar o indivíduo no grupo e esta integração só estará completa, quando a cultura do grupo estiver inteiramente assimilada. Não seria possível admitir a socialização, deixando de lado aspectos culturais como a tradição, os cantos, lendas, superstições, etc., que integram as camadas mais profundas da alma coletiva, cousas sagradas, cousas do coração. O conceito de educação fundamental ou de base, atual, implica o despertar de todas as atividades sociais, ou mesmo a reorganização total da comunidade. E os países que com grande êxito põem em prática esta política educacional, como o México com suas Missões Culturais, têm um setor e técnicos encarregados das atividades folclóricas.

Num sentido estreito, educação é a transmissão da matéria que constitui o currículo. "O folclore, escreveu Ralph S. Boggs, pode ser estudado para despertar o interesse do estudante pela matéria lecionada. Através do folclore, estabelece-se uma relação entre o ambiente, a experiência de cada aluno e a disciplina nova e desconhecida, dissipando o receio e reforçando a aceitação do estudante".

É evidente, que nem tudo que é folclórico é educativo. Mas, a seleção a ser feita pelo educador, traz resultados compensadores.

Como arte, deverá estar presente em todos os momentos educativos, pois o ideal estético sempre esteve presente em todas as sociedades, é um valor social universal. A contemplação do belo, é um instrumento de felicidade. Mas, há muito mais: mitos explicativos, lendas, refrãos e versos sentenciosos de fácil memorização, e que representam a experiência humana condensada em pílulas; lendas, rondas, cirandas, dramatizações...

Uma rápida análise dos programas do curso primário, deixará-nos entrever a possibilidade de utilização do folclore em todas as séries. Em linguagem oral e escrita, história e geografia, ciências, educação moral e cívica. E ainda nos recreios (cirandas e jogos) e nas festividades (recitativos, poesias, dramatização, fatos históricos e de outras poesias como conversa entre partes da planta, etc.).

Também no ensino secundário as possibilidades do folclore são inensas.

16 - 22 de agosto de 1954

São Paulo - Brasil

II - 20 (Port.)

TEATRO E FOLCLORE NA EDUCAÇÃO DE BASE

por

Luiza Barreto Leite

A improvisação é o método mais direto e atraente de desenvolver a imaginação, a capacidade criadora e, conseqüentemente, a personalidade. Foram tais os resultados obtidos por seu intermédio para a formação psicológica do ator moderno, que os educadores esclarecidos passaram a aplicá-la, usando-a não só como base para o desenvolvimento mental e físico das crianças, mas ainda para a reeducação de adultos ou correção das deformações psicológicas notadas já em grande parte dos adolescentes. Através dela a criança se acostuma a agir espontaneamente, descobrindo e revelando essa sinceridade interior, tão necessária à formação do ser humano que deverá constituir o alicerce desse mundo diferente que todos queremos construir.

A improvisação é um exercício de preferência individual, em que a palavra não deve ser usada, para que a criança procure no fundo de si mesma a forma direta e espontânea de revelar - através de gestos, atitudes e expressões corporais e fisionômicas - os sentimentos e emoções que lhes provocam as idéias, os personagens ou as histórias que se propõem a exprimir através de suas concepções ou reações íntimas. Para os educadores conscientes esse exercício tem o mérito, não só de auxiliar o aluno a definir sua própria personalidade, mas sobretudo o de revelá-la aqueles que assumiram a responsabilidade de modelá-la e desenvolve-la. Se todos os mestres dignos deste nome conhecessem por antecipação o material humano que lhes cabe orientar, sua missão seria maravilhosamente facilitada, pois não creio de forma alguma nos métodos de ensino padronizados, quando se trata de formar indivíduos conscientes, capazes de transformar este pobre planeta em um mundo habitado por animais realmente racionais.

Partindo do princípio de que o conhecimento psicológico do aluno deverá ser a pedra fundamental da pedagogia moderna, será fácil concluir que a improvisação, seguida do jogo dramático, deverá constituir um dos pontos vitais na educação de base, não só para proporcionar ao mestre esse conhecimento psicológico, como para auxiliá-lo a desenvolver as pequeninas sensibilidades e inteligências no sentido integral da educação; sentido esse que não deve se resumir, como infelizmente vem acontecendo, apenas em ensinar a ler, escrever e contar da forma mais precária possível, mas na educação dos sentimentos, no controle dos instintos, na orientação da inteligência num sentido construtivo e humano.

Num mundo como este em que vivemos, em que as crianças muito antes de adquirir consciência própria são obrigadas a participar das angústias e inquietações universais; em que as preocupações econômicas e os desajustamentos emocionais, roubando à maioria das mães o tempo e a serenidade que deveriam ser dedicados à orientação integral dos filhos, contribuem para que a confusão ameace se perpetuar; numa época em que as tragédias coletivas e particulares fazem parte do cotidiano e penetram nas sensibilidades infantis, através dos olhos e dos ouvidos, antes mesmo que lhes seja possível tomar conhecimento por conta própria dos noticiários alarmantes, parece que os métodos dramáticos são realmente os mais indicados para auxiliar a formação de seres humanos destinados a enfrentar e corrigir este

êste mundo dramático.

Mas os métodos dramáticos aconselháveis para a educação de base nada têm que ver com aqueles que são usados comumente para impressionar platéias teatrais. Ao contrário. O teatro de crianças para crianças, teatro escolar ou pedagógico, como se quiser chamar, possui características fundamentais opostas às do teatro de adultos, mesmo que este se destine a platéias infantis. Em primeiro lugar, ao teatro que é feito nas escolas, com a intenção de educar, facilitar o ensino e desenvolver a personalidade, não interessa se o aluno possui ou não vocação dramática, no sentido vulgar da palavra, isto é, se o aluno é um extrovertido. Pelo contrário; os professores devem escolher para seus jogos, divertimentos, improvisações; ou mesmo para as peças escritas, decoradas e representadas (última etapa do teatro escolar, destinada a completar o desenvolvimento da personalidade, da capacidade de criação e aperfeiçoamento da linguagem falada e escrita) justamente os alunos que parecerem menos aptos. Quer dizer, os difíceis, os indisciplinados emocionais ou os inibidos, os tímidos, os que encontram dificuldade de expressão verbal, corporal ou psicológica. Não é um método para exibir genios ou incentivar exibicionismos. É uma disciplina emocional para educar sensibilidades, nivelar capacidades de assimilação cultural, incentivar ou despertar o prazer do estudo ou da pesquisa.

Para isso nada melhor do que o emprego dos jogos dramáticos, aperfeiçoamento e complemento da improvisação. Enquanto nesta o professor dá um tema e pede ao aluno que o desenvolva conforme sua própria concepção, ou sugere um personagem ou um animal para que o aluno o defina através de movimentos e expressões improvisadas no momento, no jogo dramático o tema deve ser estudado, detalhado, aperfeiçoado, a medida que se desenvolve, e os personagens, animais ou vegetais a serem interpretados, devem ser preparados cuidadosamente, através de pesquisas e observações. O jogo dramático constitui não só um meio de despertar a imaginação e a capacidade criadora (como a improvisação), mas sobretudo a forma de orientá-las e discipliná-las agradável e indiretamente, fugindo às determinações rígidas que assustam as crianças e produzem muitas vezes reações contrárias às desejadas.

Leon Chancorel, um dos mestres cuja obra deve servir de fonte inspiradora a todos aqueles que se interessarem pelo teatro educativo, criador do teatro da juventude na França, organizador e presidente da "Primeira Conferência Internacional sobre Teatro da Juventude, que, repetida anualmente sob o patrocínio da UNESCO, vem procurando dar ao mundo as diretrizes necessárias à educação dramática dos jovens, assim define o jogo dramático:

"É de propósito que empregamos o termo "jogo". Ele significa, de uma parte, que esta atividade é uma atividade normal da infância. E subentende, de outro lado, regras e convenções, que o jogo, tanto como a arte, não pode dispensar.

"E se, como qualificativo empregamos o termo "dramático", em vez de teatral que desperta a idéia de cena e de representação pública, é porque em nosso espírito "dramático", desviando esta noção, indica simplesmente que a criança se exprime pela ação para seu prazer e seu desenvolvimento pessoal.

"Os jogos dramáticos serão nesse caso, jogos que deem às crianças meio de exteriorizar, pelo movimento e pela voz, seus sentimentos profundos e suas observações pessoais. Terão por objetivo guiar seus desejos e suas possibilidades de expressão".

O jogo dramático nas escolas, sobretudo nas escolas do Brasil onde o tempo é tão precário, deve ser orientado num sentido construtivo de utilidade imediata, reunindo o útil ao agradável, para que não se diga que o "tempo perdido com o teatro está prejudicando as disciplinas obrigatórias". Vencer o preconceito das regras estabelecidas e sobretudo vencer a inércia daqueles que desejam continuar no ranerão, é tarefa árdua que exige tempo, paciência e persistência.

Mas, cabe aos educadores que realmente amam suas profissões e sobretudo à inensa legião dessas heroínas desconhecidas que são as professoras primárias, criaturas que tendo escolhido espontaneamente e conscientemente a missão de modelar as gerações futuras, assumiram a sagrada responsabilidade não só de ensinar os fundamentos da cultura, mas ainda de orientar pequeninas sensibilidades dispersadas nesse mundo inconsciente, em que a maioria dos lares nada pode oferecer que seja digno deste nome; cabe às educadoras, que exercem sua missão de mães espirituais, não em cumprimento de uma função biológica como muitas mães físicas, mas em virtude de uma determinação interior que define as vocações, cabe sobretudo a essas criaturas excepcionais a tarefa de abrir mais esse caminho, até que todos compreendam que o teatro escolar não é uma brincadeira inconsequente, resumida em festinhas de meio e fim de ano, para exibir pequeninos monstros, envaidecidos pela pretensa superioridade sobre colegas menos exibicionistas.

É a essas mestras, sobretudo às professoras rurais espalhadas por esse inenso e desconhecido país, que tão pouco respeito que é seu, para engrandecer apenas o que nos chega de importação, é a elas que apelo para que empreguem em seus jogos dramáticos não só páginas da nossa história, como já vem acontecendo entre as mais esclarecidas, ou cantigas de roda e quadrilhas, como acontece entre as mais entusiastas, mas sobretudo aquilo que possuímos de mais autêntico, de mais nosso e, infelizmente, de mais desconhecido, nossas lendas e histórias folclóricas.

Mesmo no sentido imediato do ensino prático, embora indireto de certas matérias, nossas lendas são utilíssimas, além de belas e poéticas. Para ensinar História Natural, resvendendo os mistérios da mata brasileira, por exemplo, nada mais indicado do que o Sacy Perere. Brincando as crianças aprenderão a conhecer os animais, minerais e vegetais que formam ambiente e os companheiros do poético diabinho. O mar, os rios e os lagos, com todos os seus segredos, podem ser revelados através de Iemanjá, ou Janaina, ou Mãe Dagua, rainhas do mar ou das águas doces. O Negrinho do Pastoreio define toda uma época, resume toda a brutalidade da escravidão e sugere toda a beleza da libertação do espírito. A lista seria interminável, se quizessemos explicar tudo o que pode haver de aproveitável, diretamente para o ensino, em nossas lendas ou em nosso folclore poético e musical. Mas, só o fato de despertar na criança esse amor às coisas líricas, essa paixão pelo que lhe pertence e está sendo esquecido, ligando-a à terra em que nasceu, não através de patriotismos demagógicos, mas através do contato direto com suas raízes, ensinando-as; não por meio de palavras - que se esquecem - mas através de emoções - que se gravam para sempre - que só é possível amar a humanidade amando a si próprio, que só é possível compreender o universal, compreendendo o particular, que só é possível gostar e admirar sinceramente o que pertence aos outros, quando gostamos e admiramos sinceramente do que nos pertence. Na arte, como na vida, não pode haver complexos de inferioridade no amor que oferecemos, por isso, enquanto não descobrirmos, para revelar orgulhosamente ao mundo, aquilo que possuímos, seremos um povo de cultura inferior, de cultura copiada, sem interesse próprio. A arte para ser universal precisa possuir raízes profundas na terra em que nasceu. E o amor a essas raízes precisa nascer no berço e despertar na escola primária, para que não pareça artificial, mais tarde, quando colocado sobre uma cultura sem alicerces próprios, surtir o efeito de uma cabeleira postiça.

Faço ainda um apelo aos pesquisadores aqui presentes, sobretudo a esses dois que pouco a pouco nos revelam um nordeste maravilhoso e poético, Theo Brandão e Camara Cascudo, para que em seus estudos, lembrem sempre o teatro, compreendendo que a adaptação do folclore puro aos métodos dramáticos, como os gregos fizeram com a mitologia e os europeus em geral com os trovadores da Idade Média, é um trabalho digno dos deuses. Espero que nos venha do nordeste, desse nordeste que a gente para amar de verdade precisa conhecer de perto, mais esta lição de humanidade, a mais forte fonte poética e musical de onde brotará o autêntico teatro brasileiro.

16 - 22 - Agosto de 1954.

São Paulo - Brasil

II - 18

O FOLCLORE NA FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO

- PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO -

(Pelo Professor Lourenço Filho,
Presidente do IBECC)

1. Que papel pode representar o folclore na formação do magistério primário e secundário? E, em consequência, até que ponto devem os centros de magistério interessar-se pela matéria?...
2. Na formação de pessoal docente, quaisquer que sejam os sistemas adotados, consideram-se três elementos capitais: a) o de uma formação cultural, geral, dos mestres; b) o de sua habilitação técnico-pedagógica; c) o de formação social, e, mais particularmente, o de preparação cívica, de caráter nacional.
3. Quanto ao primeiro ponto, os estudos sociais hoje representam papel de excepcional importância; sobre uma base geral de conhecimentos linguísticos e matemáticos, normalmente analíticos, os estudos de geografia humana e de história desempenham função integradora, ou de síntese; nestes últimos, os elementos do folclore, local, regional, ou nacional, prestam-se a acentuar formas vivas e reais de relações humanas. É bem conhecido o relevo que os estudos dos primitivos assumiram na explicação social, a partir de Fraser; suas concepções fundavam-se, porém, na hipótese da identidade do mecanismo de pensamento em todos os homens. Para Levy-Bruhl, ao contrário, as formas do pensamento primitivo já não seriam as mesmas que as nossas; nelas haveria enlances diversos, baseadas numa lógica de outro tipo. Assim, as pesquisas etnológicas logo se deveriam juntar as de folclore, de que um dos benefícios é o de revelar, nos grupos civilizados, resíduos da mentalidade primitiva e da magia; esse método de estudo continua a florescer.
4. Na preparação técnico-pedagógica, os conhecimentos da psicologia evolutiva da infância e da adolescência são hoje proeminentes; ora, nas teorias agora dominantes nesses ramos de estudo os problemas do pensamento "egocêntrico" e "socializado" não fazem senão repetir, na esfera individual, os mesmos temas da mentalidade primitiva e civilizada. Na compreensão deles é que se estabelecem os princípios de evolução mental (Piaget), e ainda os que leve a melhor situar as questões de "ajustamento" e "desajustamento social", conceitos que são fundamentais no plano da ação educativa. A distinção entre o normal e o patológico repousa, por sua vez, em tais conceitos. É ponto pacífico que elementos do folclore concorrem de modo muito fecundo para o esclarecimento das modernas teorias psicológicas da infância, e em especial, das teorias da psicanálise.
5. Mas o folclore, na sua concepção mais larga, não se resume em relatar o tradicional; ele se ocupa também de formas de transição, de inegável importância nos estudos da sociologia dinâmica. Desde que se faça abstração de grandes episódios, a história da humanidade marca-se com uma série de idades ou de épocas, entre as quais, no entanto, não há passagem súbita. Existem entre elas franjas, tateios, transição. O estudo de formas folclóricas, tais como as podemos sentir, na sua formação, fixação e difusão, oferecem elementos de compreensão da dinâmica social, da inter-psicologia, ou mais amplamente da psico-

logia social. A formação social dos mestres, como a sua preparação científica, careceu de apoiar-se nessa atitude metodológica.

6. Os problemas da educação de base, em particular, segundo o conceito que a UNESCO fixou para essa expressão, não chegarão a ser devidamente propostos e encaminhados, senão quando uma larga compreensão sociológica, de base dinâmica, seja aceita; e, nela, como se referiu, o papel da documentação folclórica e de sua análise é fundamental. Na realidade, nessa documentação são sempre encontrados os três quadros que Gaston Bouthoul assinala para todas as sociedades, das mais primitivas as mais complexas: a) a cosmologia, isto é, a explicação real ou ilusória do universo; b) a moral, conjunto de regras e crenças que se referem as relações humanas e as regulam; c) e, enfim, a técnica, acervo de conhecimentos e procedimentos pelos quais os homens de um grupo social agem ou creem agir sobre a matéria. As formas de passagem, que repousam, essencialmente, em processos de imitação, demonstração, persuasão, sugestão e lógica afetiva não podem ser dominadas sem a análise dos elementos do folclore.

7. Os educadores de qualquer parte do mundo não se podem fechar, hoje, na visão de seu grupo local, regional, ou nacional; necessitam de compreender a evolução humana, em seu conjunto, ou em sua totalidade atual, para que assim melhor possam sentir e apreciar os caracteres nacionais. As migrações humanas, de um para outro país; a facilidade de transporte e comunicação; a interdependência econômica vieram transfundir elementos culturais os mais diversos. Os processos de aplicação científica, ou de moderna tecnologia, vieram por sua vez como que nivelar propósitos e métodos de ação. No folclore nacional, e nos elementos comuns de folclore em diferentes países, os mestres poderão encontrar subsídios para esse alargamento de visão, bem como para que sintam as melhores expressões dos valores nacionais a acentuar e defender. O estudo folclórico pode e deve assim desempenhar uma dupla função na formação humana, técnica e social dos mestres.

8. Não será no nível comum dos estudos de formação do magistério primário que convirá incluir o folclore como disciplina específica. O que melhor convem será a compreensão ilustrativa dos elementos de folclore nos estudos da língua materna, da geografia humana, da história, da arte popular, da música. Nos centros de formação do magistério secundário, notadamente onde eles se deem em faculdades de filosofia, ciências e letras, e de recomendar-se, no entanto, o estabelecimento de uma disciplina específica. E, num e noutro desses tipos de escolas de formação pedagógica, o interesse pela pesquisa folclórica, bem como o das representações de folclore local e regional não será de desprezar-se, seja como fator de ilustração, seja como elemento de formação.

9. O interesse dos centros de formação do magistério pelos problemas de estudo do folclore e pela aplicação dos resultados desse estudo, da teoria e na prática da educação, resultará, por outro lado, em prontos benefícios no interesse da cultura nacional de qualquer país. De fato, como os elementos do magistério primário e secundário se distribuem por todo o território de uma nação, podem eles facilmente recolher documentação folclórica, coligi-la e enviá-la a centros de estudos de nível técnico superior. Assim como o folclore serve, e mais poderá servir à educação, os educadores, onde quer que estejam poderão servir à evolução dos estudos do folclore.

16 - 22 Agosto, 1954

SÃO PAULO - BRASIL

II - 11.

EFRAÍN MOROTE BEST, Miembro Titular de la Sociedad Peruana de Folklore,

CONSIDERANDO:

Que el II punto del Temario del Congreso Internacional de Folklore, de San Pablo, propone abordar los problemas relacionados con la importancia del folklore en la formación de los educadores.

Que esa importancia, en parte, se fundamenta a través de la siguiente exposición:

Uno de los factores que garantiza la eficacia de la educación se halla en el conocimiento del medio cultural i social por parte de los maestros. Estos son, a veces, un producto de comunidades rurales hasta las cuales no han llegado los conceptos faltos de coherencia de las corrientes revolucionadoras ultramodernas; otras, son producto de las zonas urbanas, dotadas del más bajo índice de comprensión de las cosas rurales.

Sin embargo, el desplazamiento de unos hacia la ciudad i de otros hacia el ambiente rural, es fenómeno de la mayor frecuencia.

El resultado es la desadaptación que tiende a destruir una de las bases sustantivas del educar: la creación de un núcleo coherente de valores e ideas.

Mas, aun conservando a los maestros en sus ámbitos originarios, la educación se trata de explicar, i si no se explica, de realizar como el constante alejamiento de las raíces sociales anónimas i el porfiado ingreso en el seno de las creaciones individualizables de la cultura, por juzgar las manifestaciones no histórico-individuales como un "lastre social".

El folklore tiene cosas buenas i malas, como las tiene todo fenómeno producto del hombre. También la justicia se convierte a veces en preparicato; también la medicina llega a ser, en ciertos instantes, un eficaz medio de muerte, i también, en nombre de la libertad se trabaja contra ella.

Cuando los miembros de una comunidad entierran el cuerpo de una persona viva en el "ojo" de un manantial, para aumentar las aguas; cuando juzgan que el medio más eficaz para curarse una enfermedad es contagiarla; cuando en nombre de seres extraterrenos i en pos de prestigio despilfarran sus pobres bases económicas, su vigor físico i espiritual; cuando tienen concepciones perjudiciales al equilibrado desenvolvimiento social, hay elementos folklóricos que destruir i extirpar; hay valores que sustituir.

Mas, si esa comunidad a través de cuentos i leyendas conduce hacia el fortalecimiento de las ideas de libertad; si a través de canciones eleva el espíritu a planos superiores; si mediante bailes fortalece el cuerpo i predica la solidaridad social; si mediante las artes tradicionales cultiva las aptitudes manuales i la capacidad de abastecer una parte de las necesidades propias; si por medio de adivinanzas da consistencia a la memoria i fomenta la capacidad discriminativa; si merced a refranes explica con pocas palabras principios filosóficos para cuya explicación los eruditos necesitan de libros enteros; si con sencillas ceremonias predica la solidaridad humana, que tanta falta hace en el mundo actual, hay también algo que conservar i fomentar.

I precisamente, es de advertir que tanto la extirpación de ideas perjudiciales, la sustitución de elementos desequilibradores o la conservación de bienes útiles al equilibrio social, forman parte i si no forman, debieran formar parte-del trabajo magisterial.

Los maestros, por razón de su misma actividad, se hallan en aptitud de inculcar, en la etapa más plástica de la vida de sus dis

Algunos valores fundamentales relacionados con las ideas de Humanidad, de Patria, de Probidad i Piedad, que muy bien entran en la mente i en el corazón de los hombres, cuando son elevados desde los planos irreflexivos de la conducta social hasta las altas cimas de la reflexión.

El maestro necesita conocer el medio en el cual cumple su misión. I pocos medios de conocimiento profundo del ambiente humano, por lo menos en lo que corresponde a los países meridionales de América Latina, podrán ser tan eficaces como los que suministra el folklore. Por último, es preciso formar maestros para cumplir una función de fortalecimientos de los sentimientos de respeto hacia los pueblos i de amistad entre los hombres, cosas éstas que pueden conseguirse a través del conocimiento de los productos más espontáneos de la inteligencia, el sentimiento i la acción de las colectividades humanas, es decir, a través del folklore.

Por todas estas razones, el ponente sugiere al Congeso Internacional de Folklore a realizarse en la ciudad de San Pablo (Brasil):

1° Recomendar a las Universidades i Ministerios de Educación Pública, que sostienen centros de enseñanza pedagógica, la inclusión de cursos de Folklore en los planes de enseñanza de dichos centros de preparación profesional de maestros.

2° Recomendar igualmente a los Ministerios de Educación Pública la conveniencia de estimular eficazmente las actividades basadas en la exaltación de los valores tradicionales de los pueblos, confiriendo becas de perfeccionamiento i otros premios a los maestros que se distingan por su objetiva devoción por el folklore, demostrativa de la hondura de su compenetración con el ambiente humano de los lugares donde cumplen su labor docente.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE

16 - 22 de agosto de 1954.

São Paulo - Brasil

II - 12 (Port.)

Dupl.

ESTUDOS FOLCLÓRICOS PARA INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE
NAS ILHAS CARAÍBAS

por

Andrew C. Pearse
(University College, Índias Ocidentais)

O conceito de educação fundamental (e seus sinônimos de desenvolvimento e educação da comunidade) compreende um novo tipo de intervenção governamental na vida sócio-cultural de um povo. De uma maneira muito especial veio a ter singular importância em lugares onde um governo empenha-se numa política de progresso econômico e político e, entretanto, encontra a sua frente uma população de camponeses e trabalhadores, que vivem em condições pré-industriais, pré-democráticas e de pré-alfabetização.

As sociedades das Ilhas Caraíbas oferecem um exemplo singular e diferente desta situação. Consistem em um grupo de territórios insulares e costeiros, entre a América do Norte e a América do Sul, os quais, de modo algum, constituem um sistema sócio-econômico. Têm relações semelhantes, embora independentes e peculiares às diferentes pátrias das quais dependem social, econômico, político e culturalmente.

Apesar disso, devido às semelhanças das relações econômicas, e outras, com suas respectivas pátrias, e ao desenvolvimento histórico interrelacionado destas últimas, estão eles sujeitos às mesmas ou semelhantes forças históricas; são, por exemplo, sociedades coloniais que se desenvolveram depois da destruição das sociedades aborígenes. A plantação tem sido sua unidade básica, social e econômica; sua força de trabalho foi trazida da África, sob o sistema da escravidão; as reações destas sociedades têm sido determinadas pelo desenvolvimento da cana-de-açúcar no mercado mundial e estiveram sujeitas à transformação social, por meio das leis, i.e. pela emancipação dos escravos etc..

As sociedades não possuem uma população camponesa tradicional, com profissões desenvolvidas e um sistema de mercados internos e não têm uma estrutura tradicional, compreensivamente institucional de organização da comunidade.

Todas as sociedades têm uma superestrutura que se compõe ou se deriva das instituições pátrias (instituições jurídicas, religiosas, políticas, educacionais etc.). Esta superestrutura consiste no maquinismo administrativo, organizações oficiais eclesiásticas, sistemas jurídicos, empresas econômicas grandes ou de tamanho médio, normas linguísticas e estéticas, bem como, num complexo de padrões, altamente apreciados, de comportamento, de atitudes, etc.

A vida da gente humilde, principalmente da de origem africana, é, em parte, regulada pelas instituições e normas da superestrutura, deixando, contudo, áreas substanciais de "Cultura Folk", cu

cujos padrões e normas, frequentemente, discordam dos da superestrutura e cujas instituições não conseguiram adquirir estabilidade, reconhecimento ou organização eficiente, a não ser em lugares ou em ilhas vizinhas. Esta cultura popular difere, num sentido mais importante, da cultura da superestrutura e varia, em sentidos menos importantes, de um território para outro.

Os sistemas de classes sociais corre em sentido paralelo com as diferenças étnicas, contribuindo, assim, para aumentá-las. A linha que separa os que pertencem à plebe e são de cor, dos que, em maior ou menor extensão, forem capazes de se identificarem com as normas da superestrutura ou com a própria pátria.

Entre os vários planos de educação fundamental nos territórios britânicos, a "University College of the West Indies" representa um papel especial através de seu departamento de atividades externas (Extra Mural Department). Esse departamento acrescentou, recentemente, a suas atividades didáticas, um plano de pesquisas de cultura popular, pelo qual é responsável o autor das presentes linhas.

A finalidade do plano é estabelecer, em certo número de comunidades insulares, meios de coligir, estudar e registrar os vários aspectos da cultura popular.

Recrutamento. "Estudantes leigos" que participam desse plano, são pessoas do lugar, as quais já atingiram um alto padrão técnico em algum ramo (i.e. desenhistas, fotógrafos, artistas de dança, músicos, instrutores profissionais etc.), bem como, pessoas que possuem instrução geral, talento e inclinação que as tornam bons trabalhadores práticos. Seu preparo toma a forma de trabalho de equipe, com métodos e atividades no próprio campo cultural, sob orientação competente.

Os Projetos são escolhidos de acordo com o talento e o pessoal disponíveis, ou à luz de outras considerações práticas. Planos de pesquisas "pro forma" ou esquemáticos, são elaborados para cada projeto, e são sempre feitos, "sob medida", para os estudantes que os devem executar. A experiência tem demonstrado a possibilidade de esperarmos que grande parte do material dos projetos possa ser aproveitada para publicação, parte num nível local e nacional, parte no campo internacional.

Conservação. Foi, por outro lado, estabelecido um sistema de preservar e registrar o material; por outro lado, está sendo feita uma tentativa de despertar o interesse para que instituições existentes, tais como bibliotecas, museus, arquivos nacionais etc. procurem achar lugar para este material, de maneira que a coleta e a conservação possam tornar-se um processo contínuo, embora não sejam organizados arquivos específicos para etnografia e folclore.

Os tipos de estudo, ora realizados, abrangem:

1. Monografias.

- a) Objetos materiais feitos de acordo com a tradição.
- b) Reuniões sociais padronizadas pela tradição. (i.e. ritos, festas, jogos, danças, folguedos carnavalescos etc.)

Um esboço específico, formal ou esquemático, é preparado para cada monografia; a primeira parte da mesma é planejada para obter uma descrição física exata, e a segunda, para mostrar a função do objeto ou da reunião na geração das relações sócio-culturais.

2. Coligindo material. Simples fatos etnográficos, facilmente isolados, podem ser coligidos com um mínimo de dados elucidativos. Canções, lendas, receitas, curas.

3. Observações. Variações territoriais de um determinado tema (dignos, hábitos funerários) podem ser estudados por meio de comparação entre um certo número de ilhas.

4. História ou exemplos do funcionamento das normas culturais, conforme se manifestam em séries de ações ou acontecimentos; p. ex. a história de um cantor popular, de uma agremiação, de uma aldeia, um empreendimento etc.

5. Conclusão. Certas conclusões podem ser apresentadas depois de um trabalho experimental de seis meses.

1. No trabalho de "estudantes leigos" pode ser mantido um padrão bastante alto em etnografia descritiva, desde que os projetos sejam escolhidos convenientemente. Desta maneira, pode se fazer uma útil colaboração a estudos científicos.

2. Do ponto de vista educacional, o trabalho tem um significado profundo e contribui de duas maneiras para a nobilitação dos recursos da comunidade e para seu aperfeiçoamento.

a) O reconhecimento da tradicional cultura popular, como parte da herança nacional, é um passo muito árduo para a classe média das Índias Ocidentais, em grande parte por se aproximar muito da plebe, não só em genealogia mas, também, na maneira de encarar a vida. Mas, uma vez que o passo tiver sido dado, os resultados são importantes: faz desaparecer o estigma que anteriormente se achava ligado a todas as manifestações de cultura popular. (A educação, por exemplo, até o presente momento, é considerada um meio para escapar da vida do "folk", e não como um preparo para uma mais completa e mais bem recompensada participação dela.); abre o caminho para a incorporação do meio social e cultural, ao campo da educação escolar, como acontece em todos os países adiantados. Por outro lado amplia o campo de tolerância das formas artísticas (literatura, música, dança, drama), as quais não mais precisam ser imitações europeias.

b) A educação fundamental ocupa-se com os problemas de sociedades coloniais, em vias de se adaptarem ao governo próprio, por processos democráticos. O plano por nós esboçado é imaginado como um meio de estimular a investigação objetiva, de primeira mão, da estrutura social em evolução e de sua cultura. O método pretende basear tais investigações em estudos puramente descritivos, e prosseguir em direção a um mais alto grau de estudos abstratos, sem incorrer em interpretações ideológicas vagas, para assim, ampliar o campo, a qualidade e o vocabulário da discussão sobre a sociedade.

16 - 22 de agosto de 1954

SÃO PAULO - BRASIL

II - 8

IMPORTANCIA DEL FOLKLORE EN LA FORMACION DE EDUCADORES

Por Nieves de Hoyos Sancho

Realmente es completamente inútil tratar de convencer al que ya está convencido; ninguna necesidad hay de argumentar sobre si ahora es de día o de noche, no hay más que verlo. Creo pues, que tratar de convencer a tantos eminentes folkloristas de que a los educadores debe enseñárseles lo que es el folklore, es inútil, pues todos tenemos esa misma idea. Lo único que se puede tratar de hacer, es llevar esta idea al ánimo de los gobernantes, exponiéndoles argumentos sencillos, tales como el que interpretar los hechos folklóricos es tarea de gran dificultad, solo reservada a los maestros en estas disciplinas, pero saber lo que es el folklore es como revalorizar nuestra propia vida, es tomar el gusto a nuestro medio, apreciar lo que nos enseñaron nuestros antepasados, y al conocer lo que hacen otros pueblos, al ver que en las formas de vida de gentes muy distantes hay rasgos muy parecidos a los nuestros, que se divierten como nosotros, con canciones y bailes, que celebran con semejante solemnidad una boda o un entierro, nacerá un interés por su conocimiento, sabrán comprenderse y apreciarse mejor y hasta llegar a amarse.

Sobre este tema de la importancia de la enseñanza del folklore en la formación de educadores puedo hablar, aunque no con experiencia propia, sino con la experiencia de mi padre que vale muchísimo más. No fué una enseñanza teórica de la etnografía y el folklore lo que los alumnos de mi padre recibieron, sino que fué una enseñanza práctica. La cátedra que él desempeñó fué de Fisiología e Higiene Escolar, pero enamorado del estudio del hombre en todos sus aspectos, creó en la Escuela Superior del Magisterio un Seminario de Etnografía y Arte donde sus alumnos hacían trabajos de investigación etnográfica, aprovechando, generalmente, las vacaciones del verano. En este Seminario preparaban sus tesis de fin de carrera, de las que mi padre dirigió más de 180 de los siguientes temas; 19 de Antropometría, 42 de Biología, Fisiología e Higiene Escolar; 54 de Geografía y 70 de Etnografía y Folklore. Estas cifras son bastante elocuentes para que se vea hacia qué ramas del saber inclinaba mi padre a sus alumnos, sin duda convencido de que la geografía, la etnografía y el folklore serían para ellos muy útiles disciplinas y que preferentemente debían enseñar a sus discípulos.

En la Escuela Superior del Magisterio se formaba el profesorado, que repartido por toda España, debía ocuparse a su vez de enseñar o inspeccionar la labor de los maestros encargados de la educación infantil; venía pues, mi padre a ser como una especie de bisabuelo cultural de los niños españoles, a los que llegaría algo del gusto por las cosas de su propio país y podrían estimar en lo que valen sus costumbres y modos de hacer las cosas, que en la mayoría de los casos deben conservarse, pues están regidos por una adaptación al medio y son modos de hacer más útiles para ellos que no los venidos de otros países.

Estando los maestros interesados en estos aspectos de la vida, pueden iniciar a los niños en pequeños trabajos de investigación, ya que cualquier niño es capaz de anotar las faenas de la trilla, o la forma y modo de funcionar de la cocina de su casa, y con esto haría un trabajo muy modesto, pero de investigación directa, mucho más interesante y formativo que copiar de un libro de texto una opinión sobre el

teatro de Lope de Vega, por ejemplo, opinión que el niño no es capaz de comprender, puesto que no puede conocer la producción de nuestro gran dramaturgo.

De todos es sabido, que por estar los maestros repartidos por todo el país y en contacto directo con las gentes del pueblo, son los colaboradores más eficaces cuando una nación quiere hacer una colecta completa de cualquier tipo de datos. Como ejemplo puede servirnos la colecta organizada en la Argentina, por el Consejo Nacional de Educación en 1.921 gracias (1).

Voy a exponer un caso muy concreto, que demuestra el interés que tiene para el propio folklore, el que a los maestros y profesores de enseñanza se les haya inculcado el gusto por nuestros estudios. En Julio de 1.952 asistí en París a las Primeras Jornadas Internacionales de Arqueocivilización, organizadas por el Institut International d'Archéocivilisation, bajo la presidencia de L. Febvre y dirigidas por A. Varagnac.

Se decidió que dirigidos por el Prof. de la Universidad de Hannover, William Pessler, y el Prof. del Instituto Oriental de Nápoles, Sr. Raffaele Corso, se hiciesen en cada país unos Atlas Folklóricos para con ellos llegar a hacer el de Europa de los temas elegidos. No encontrando ayuda en los organismos oficiales, no quise comprometer en la empresa a ninguno de los amigos y compañeros folkloristas y me decidí a llevar la tarea adelante yo sola hasta donde pudiese. Como en España la Etnografía y el Folklore no tienen Cátedras ni organización oficial, para conseguir datos de las cincuenta provincias tenía que acudir a los amigos particulares, entre los que se encuentran los que se dedican al estudio del folklore y los Inspectores de Primera Enseñanza y Profesores de Escuelas Normales, alumnos de mi padre.

Hice algunos cuestionarios en los que se preguntaba acerca de: el pan; la colmana, la cuna; los paeros agrícolas y la trilla; y los medios de transporte humanos. Los repartí entre las cincuenta provincias, y aunque todavía no he recibido respuestas más que de la mitad de ellas, ya se puede apreciar el resultado. Entre amigos particulares y folkloristas he recibido de cada uno de los cuestionarios unas trece respuestas que corresponden a seis provincias, y de los alumnos de mi padre he recibido unas cien respuestas que corresponden a 21 provincias. Claro es que entre los alumnos de mi padre se encuentran, precisamente, la mayoría de las personas que en España se dedican con acierto a los estudios folklóricos. Tiene una explicación y es que los dedicados a estos estudios, si logran esos datos los utilizan en sus propios trabajos, como me dijo el gran folklorista galés-asturiano, Sr. Bouza Brey.

Realmente el resultado ha sido magnífico, pues según un cálculo de la Bibliothèque Sociologique Solvay, la eficacia de los cuestionarios en Bélgica y Francia es del uno por ciento, cifra que mi padre rebajaba aún más para España. Claro que este cálculo está hecho a base de cuestionarios impresos e impersonales dirigidos al maestro, al alcalde, al sacerdote, etc., y yo he enviado los míos con carta particular a los amigos conocidos o desconocidos, -eso no importa, pues a mí mismo tengo muchos buenos amigos que hasta hacer poco eran desconocidos-y naturalmente, todos han contestado, hasta tal punto que entre las 21 provincias de las que tengo respuestas había repartido uno 130 cuestionarios, he recibido cien respuestas y toda vía estoy segura de que recibirá unas diez más, total, que de 130 sólo se perderían 20.

(1) al cual se obtuvo un material riquísimo de todo el país que ha servido de base a trabajos tan interesantes como el "Romancero" y Refranero de Ismael Moya, y sobre el que todavía se pueden hacer muchos estudios.

Se ve, pues, que los ilustres alumnos de mi padre, mis hermanos

mayores culturales, no por la edad sino por el saber, han puesto en la tarea gran empeño para lograr vencer la inercia de los españoles ante un cuestionario, haciendo posible la realización del Atlas.

Naturalmente, este mérito no es mío sino de mi padre, que hace ya muchos años comprendió lo que hoy es aquí interesante tema de discusión en este Congreso, la importancia del folklore en la formación de educadores. Recojo una idea suya en la que se evidencia la generosidad que le caracterizaba; "Todo maestro o sembrador, debe contar con el desinterés de que sean sus discípulos y seguidores los que recojan la cosecha por él preparada, ya que su obra es bastante con el replanteo de los caminos a seguir." Y yo no hago más que seguir su camino y recoger la sana y vigorosa mies que él supo sembrar en toda España.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE

16 - 22 de agosto de 1954

São Paulo - Brasil

II, 1, Port.

O Folclore e a Educação

por

Joseph Hess, Luxemburgo

Desde que se estabeleceu que cada povo é a síntese do seu passado, que a sua evolução histórica ultrapassa, quanto à formação do comportamento psicológico e moral, a constituição física e anatômica, urgiu que o educador se aplique a conhecer os estados de alma das gerações anteriores, para dirigir eficazmente a juventude. A história ministra-nos fatos exteriorizados. O folclore, como função da Etnologia e Sociologia, revela os valores e deficiências morais e intelectuais, muita vez, submersas, que vêm à tona em tempo oportuno, após períodos de longa letargia; e que ficariam sem explicação nem utilização, caso não houvesse os dados de folclore indicativos dos elementos ocultos - tanto mais importantes quanto mais primários.

O educador deve pôr sobretudo em evidência a identidade primitiva das concepções morais e religiosas através dos tempos e dos povos. Só o acessório sofre transformações de um século a outro e de um a outro continente. A Etnologia comparada demonstra que, em passado longínquo, as nações na dianteira da civilização moderna viviam da mesma maneira que tribos retardadas de hoje. O meu pequeno país está por certo muito longe da terra dos Feácios de Homero; e, contudo, assim como Nausicaa não está autorizada a interrogar Ulisses sobre suas origens senão depois de uma refeição em comum, assim também o viandante incógnito, convidado para a mesa, segundo o secular código da hospitalidade de Ardenas, supõe-se comer a omeleta que se lhe oferece (Schwatzeier - Ovos do silêncio), antes do dever de dizer quem é, e que seja perguntado acerca do objeto da viagem. Na Grécia, como no Luxemburgo, o costume é tributário de uma mesma noção de apotropismo. Acredita-se que a refeição tomada em comum imuniza os participantes contra todo poder mágico que pode ser intencio

intencionado de uma parte ou de outra. O mito de Proserpina, filha de Ceres, irremediavelmente ligada a Plutão como esposa, após daquele impensado banquete, vem das mesmas noções de apotropismo.

Outro fato: em Julius Caesar, I, 2, César pede a Marco Antonio que toque, quando de corrida das Lupercais, a esposa Calpúrnia com um bastãozinho, a fim de curar a sua esterilidade.

"For our elders say
The barren touched in this holy chase
Shake off their sterile course".

(Shakespeare, Julius Caesar, I, 2)

Esta crença se encontra no Luxemburgo. Um dos caracteres do carnaval consistia antigamente no contacto com as mulheres encontradas no caminho por onde passavam os homens mascarados. O símbolo é eloquentíssimo.

Igualmente, em Julius Caesar, Marco Antonio, no seu discurso revela que um homem morto de morte violenta é santificado, tendo, pelo sacrifício da vida, remidos seus crimes ou pecadilhos. Pois já não temos visto supersticiosos molhar lenços no sangue de grandes criminosos executados, qual o miserável Dillinger em Nova Iorque, ou em 1920, Kurt Eisner, chefe do Terror Vermelho em Munique? No tempo de Shakespeare, no de Cesar e Nero, a prática era popular "to dip their napkins in his (Caesar's) holy blood". (Shakespeare, Julius Caesar, III, 2).

Terceiro exemplo escolhido entre dúzias: era costume deitar uma pedra sobre a sepultura das pessoas mortas na estrada ou falecidas prematuramente, para as impedir de "tornar" e hostilizar os sobreviventes, por se lhes subtrair àquela parte da vida a que tinham direito. No Luxemburgo praticou-se tal superstição em vários lugares particularmente chamados "morthomme" ou "mortefemme". Ainda recentemente, na altura de Gruenewald, à falta de pedras, o caminheiro lança um raminho de madeira seca no monte de pedras que formam monumento cruciforme. O homem faz o gesto secular sem a menor idéia de sua significação, como prática ritual transmitida de geração em geração. Esta usança já está proibida nos Dicta Pirminii - instruções para uso dos missionários na Suíça e Alemanha meridional. Mas foi leva

levada até a Oceania.

Em vista dos esforços expedidos para a concepção de humanidade unida, é de toda utilidade que o educador se apoie em indícios reveladores da identidade primitiva das nações e dos comportamentos de antes da era dos nacionalismos exagerados. Não há senão o folclore que, fundado nos símbolos e ritos obscuros, penetra a verdadeira natureza de infinitos fatos enigmáticos.

Desde que o Luxemburgo, rudemente maltratado pela invasão nazista, retomou consciência da noção de pátria, a pouco e pouco, tem havido tendências para cavar o subsolo do nosso passado a fim de se lhe desenterrarem cousas que jazem subterrâneas. As festas rurais cercam-se de uma reprodução poderosa e imaginosa da história local. Progride a prática religiosa sob a ação de múltiplas peregrinações ressuscitadas, cujo pitoresco maravilha a imaginação das almas simples. Os santos, curadores, em razão dos serviços que nos prestam, quando a ciência médica se mostra impotente, ocupam o primeiro plano. Esse culto dos santos, muitas vezes reforçado com festas ruidosas e desenfreadas necessita de sábios esclarecimentos, para não degenerar em paganismo. Toda manifestação religiosa, ortodoxa ou errônea, é ato de submissão do homem ao Criador, num tempo em que a insubmissão absoluta ameaça constituir-se dogma. Tem, pois, o folclore levado ao nosso interior o gosto às festas locais. E estas, por seu turno, avivam entre os homens o sentimento dum orgulho justificado das celebrações autônomas da comunidade rural, e fazem renascer o respeito das evoluções lentas em face dos sobressaltos violentos de nossa época.

Não há no meu pequeno país nenhum ensino oficial de folclore. Ensina-se ao acaso, ao talento do educador. Existe, todavia, muita admiração pela interpretação das cousas do passado. A imprensa abre de par em par as colunas às comunicações dos folcloristas. Monografias locais dão preferência a lendas, costumes, lembranças do velho e bom tempo. Muitos cortejos, intimamente ligados às celebrações das festas de antanho conhecem uma revivescência de popularidade e chegam mesmo a se expandir. Dados folclóricos concretizam -

CIF/16-22 agosto-54/II,1,Port./4.

nos muscus locais - ou já instalados - ou por se instalarem. Tradu-
zem êstes muscus a angústia do nosso mundo ansioso por ver a expres-
são mágica dos nossos sentimentos abismar-se na onda das sensações
de ordem científica e técnica que nos invade a vida.